

DESPORTO ADAPTADO



DESPORTO ADAPTADO

JOÃO PETRICA
HELENA MESQUITA
MARCO BATISTA
ANTÓNIO FAUSTINO



REVISÃO CIENTÍFICA

João Petrica

João Serrano

António Faustino

Rui Paulo

Pedro Mendes

Marco Batista

Helena Mesquita

EDIÇÃO

Câmara Municipal de Idanha-a-Nova

COPYRIGHT

A reprodução só é permitida com autorização escrita dos autores

DESIGN DE CAPAS DA COLEÇÃO

Adriana Vieira

Mestrado Design Gráfico da Escola Superior de Artes Aplicadas do IPCB em associação com a Faculdade de Arquitetura da UL.

ISBN

978-989-8936-04-2

1ª edição, 2018

INCLUSION IN PHYSICAL EDUCATION: OPINION OF STUDENTS
WITHOUT CONDITION OF DISABILITY

Pedro Rui Inês Pires¹, Helena Mesquita^{2,4,5}, Pedro Miguel Sá Viegas³

¹APPACDM de Castelo Branco - Portugal

²Instituto Politécnico de Castelo Branco - Portugal

³ISEIT de Almada, Instituto Piaget – Portugal

⁴Sport, Health & Exercise Research Unit (SHERU)

⁵Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA)

RESUMO

O principal objetivo desta investigação é avaliar as opiniões dos alunos sem condição de deficiência nas aulas de Educação Física, num contexto inclusivo. Pretende também contribuir para a compreensão do conceito de inclusão, podendo auxiliar em estudos futuros.

A amostra foi selecionada numa escola da rede pública, sendo constituída por 37 indivíduos de ambos os géneros, com idades compreendidas entre os 12 e 14 anos formando assim uma amostra por conveniência. Foram aplicados dois instrumentos na presente investigação, uma entrevista exploratória que serviu de base para a construção de um questionário. Os dados obtidos foram tratados no programa estatístico SPSS 19,0, através da estatística descritiva, mediante as medidas de tendência central. Para o teste de hipóteses foram utilizados o teste t-student, a ANOVA e a matriz de correlação de r-Pearson.

Os resultados obtidos revelam diferenças de opinião, quanto ao género e à tipologia da deficiência existente na turma. No que respeita à idade não estamos em condição de concluir de forma concreta, pois nesta variável não tem uma tendência definida. Quanto às relações

entre os blocos, estes também demonstram diferenças entre as opiniões. O bloco “Valorização da participação do aluno com condição de deficiência” reflete uma opinião de inclinação positiva, enquanto que o bloco “Envolvimento do professor nas aulas de EF” evidencia uma tendência negativa relativamente às opiniões.

Palavras-Chaves: Inclusão e Educação Física, Opinião, Deficiência, Alunos com NEE.

ABSTRACT

The main goal of this investigation is to evaluate the opinion of the students without any disabilities in the physical education classes in an inclusive context. It also pretends to contribute for the comprehension of the inclusion concept, which will able help in future studies.

The study was developed in a public school, being contributed by 37 individuals of both genders, with ages comprehended between 12 and 14 years, forming then a convenient sample. Two instruments were applied to the construction of a quiz. The obtained results were carried in a statistic program SPSS 19,0, through the descriptive statistic, taking the trend into account. In the hypothesis test were used the T-student test, a ANOVA and the correlation matrix of r-Pierson.

The obtained results reveal different opinions, concerning the gender and the disability type existent in the class. Regarding the age, concrete conclusions were not able to be taken, because the aspect does not have one defined tendency. As for the relation between chapters, also demonstrate different opinions. The chapter “the valorization of the participation of the students with disabilities” demonstrate an inclination towards a positive opinions, although in the chapter “teachers involvement in the PE classes” are shown negative tendencies towards the opinons.

Keywords: Inclusion and physical education, opinion, disability, students with special educational needs.

INTRODUÇÃO

O conceito de inclusão não deve ser considerado inflexível, pois deve ter em conta as complexidades contextuais, para atingir o objetivo primordial a inclusão de todos os alunos. Neste sentido, a inclusão deve ser concretizada sempre que possível, no entanto importa garantir os direitos, as características individuais e a capacidades de cada aluno (Correia,2003).

O processo rumo à implementação de escolas inclusivas não deve ser fruto do esforço individual dos docentes ou de um conjunto de opiniões positivas das comunidades escolar. Deve constituir-se como uma confluência de um conjunto de condições, onde se torne possível a participação da maioria dos alunos que possuam problemas da aprendizagem, para que desta forma lhes seja oferecida uma resposta educativa satisfatória nas escolas regulares (Stoer & Magalhães 2001). Estes autores, ainda realçam a pertinência de serem reunidos três fatores para o funcionamento da escola inclusiva: o contexto político e social, o contexto do Centro Pedagógicos e o contexto da aula. Stoer e Magalhães (2001) defendem que cada um destes contextos possui características próprias, ainda que a nível mais geral tenham uma grande influência no processo de mudança. Assim, se existir um panorama político favorável às diretrizes inclusivas contribuirá decisivamente para que os Centros Pedagógicos desenvolvam a mesma posição. Desta forma, quando um dos Centros Pedagógicos estabelece objetivos em concordância com a orientação inclusiva tal facto influencia as práticas educativas.

Sánchez (2009, p. 116) realça a ideia que as práticas educativas inclusivas constituem uma mudança fomentada: “ uma nova forma de conceituar as dificuldades educativas, e ela se baseia na crença de que

as alterações metodológicas e organizacionais que são implementadas para dar resposta às dificuldades experimentadas por alguns alunos provavelmente beneficiarão os demais”.

Face a esta problemática a Educação Física (EF), enquanto disciplina e no ponto de vista de Souza (2007) permite às crianças com condição de deficiência a potencialização de uma serie de capacidades que se apresentam importantes para melhorar a qualidade de vida, uma vez que através desta disciplina e do currículo inerente à mesma, a preocupação com a socialização, bem-estar, treino dos sentidos, conhecimento do corpo, entre outras características inerentes à EF revelam-se fundamentais para a evolução psicossocial para as crianças com condição de deficiência. O mesmo autor refere ainda que a Educação Física nas escolas é encarada pela maioria dos alunos como uma fonte de prazer e alegria contribuindo como um fator facilitador para a implementação da inclusão, devido ao facto dos seus conteúdos e objetivos da aula serem um meio do desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social.

Do ponto de vista das investigações empíricas, observa-se que as raparigas são mais suscetíveis ao processo de inclusão do que os rapazes (Tripp, Frech, & Sherril, 1995, citados por Panagiotou et al., 2008). Quanto ao tipo de deficiência, os alunos revelam aceitar melhor alunos com deficiências físicas e sensoriais do que alunos com perturbações intelectuais (Farrell, 2008). Relativamente às idades, existem ainda algumas limitações investigativas para efetuarmos a comparação. Este estudo torna-se também particularmente importante devido à escassez de investigação realizada neste âmbito específico (Qi & Ha, 2012). Para além deste aspeto, os autores referidos revelam pistas metodológicas no sentido de colmatar as insuficiências existentes no atual panorama científico.

AMOSTRA

A amostra do estudo foi constituída por 37 alunos com idades compreendidas entre os 12 e os 14 anos, cuja idade média dos sujeitos é de 12,86 anos com um desvio-padrão de 0,082199, pertencentes a três turmas. Cada turma possuía integrado um aluno com NEE, apresentando este uma tipologia de deficiência diferente de turma para turma (motora, auditiva e intelectual). O estudo decorreu num Agrupamento de Escolas do distrito de Castelo Branco. Os 37 alunos pertencem a um universo de 72, o que perfaz uma percentagem de alunos inquiridos de 51,19%. Ainda de salientar, o facto de a amostra relativamente ao género ser formada por 16 jovens do género feminino e 21 do género masculino.

INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

O instrumento utilizado para a recolha dos dados constou de um inquérito por questionário para medir as opiniões dos alunos sem condição de deficiência. A construção do questionário obedeceu a entrevistas prévias e respetiva análise do conteúdo, aplicação do pré-questionário, bem como as sugestões efetuadas no decorrer deste processo e a validação por especialista na área.

O questionário ficou organizado em 5 blocos compostos por um total de 26 afirmações. Os blocos são os seguintes: 1- “Opiniões face a aula de EF”; 2- “Valorização da participação aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 3- “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 4- “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 5- “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” A escala utilizada para medir as opiniões foi uma escala de Likert onde o valor 1 significa “discordo totalmente” (valor mais baixo) e o valor 5 “concordo totalmente” (valor mais elevado). Os valores 2, 3 e 4 significam “concordo pouco”, “concordo” e “concordo muito” respetivamente. Assim

e como forma de interpretarmos e concluirmos os resultados, dicotomizamos a escala onde consideramos:

- Valores $< 2,5$ negativos
- Valores $>$ ou $= 2,5$ positivo.

TRATAMENTOS DOS DADOS

Os dados foram tratados de forma descritiva e com utilização de técnicas estatísticas. Para a variável género utilizou-se o teste t de Student para amostras independentes, enquanto para as variáveis idade (cujas categorias foram 12, 13 e 14 anos) e tipologia da deficiência utilizou-se a ANOVA. Para estes testes, o nível de significância considerado foi de 0,05.

Para a Escala de Likert fomos ver a distribuição de frequências em cada item, determinámos a média e o desvio padrão e como forma de interpretarmos e concluirmos os resultados, dicotomizamos a escala onde consideramos como opiniões negativas valores médios inferiores a 2,5 e opiniões positivas valores médios iguais ou superiores a 2,5.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à variável género as raparigas apresentam em termos globais opiniões mais positivas que os rapazes. Não se verifica esta tendência em todos os blocos dado que no bloco 1- “Opinião face a aula de EF” todos os inquiridos apresentaram opiniões positivas independentemente do género. Em todos os outros blocos as raparigas apresentam sempre opiniões mais positivas que os rapazes. Apesar de os blocos “2- “Valorização da participação aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 3- “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”; 4- “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 5- “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” apresentarem opiniões mais negativas que positivas, em todos eles as raparigas demonstram sempre opiniões mais positivas que os rapazes.

Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Tripp, Frech e Sherril (1995, citado por Panagiotou et al., 2008) e Slinger et al. (2000) em que as raparigas são mais recetivas à inclusão de alunos com NEE do que os rapazes, o que conseqüentemente leva a opiniões mais positivas.

Relativamente à variável tipologia da deficiência, o grupo que revela opiniões mais positivas é o grupo com um aluno com deficiência auditiva incluído, seguido do grupo com um aluno com deficiência motora e, por último, o grupo com um aluno com deficiência intelectual.

No bloco 1- “Opinião face às aulas de EF” não existem discrepâncias entre os resultados, uma vez que todos os inquiridos demonstram na sua totalidade opiniões positivas perante todos os grupos analisados. Também aqui os blocos “2- Valorização da participação do aluno com deficiência nas aulas de EF”, 3- “Envolvimento dos alunos com deficiência nas aulas de EF” e 4- “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”, o grupo da deficiência auditiva apresenta em todos eles opiniões mais positivas em comparação com os grupos da deficiência motora e intelectual. No campo das opiniões negativas, a deficiência intelectual apresenta o maior número de respostas comparativamente ao grupo da deficiência motora exceto no bloco 2- “Valorização da participação do aluno com deficiência nas aulas de EF”. De salientar, que nos dois últimos blocos as opiniões em termos globais são de carácter mais negativo que positivo.

É interessante verificar que no último bloco, 5- “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF”, as deficiências intelectual e motora apresentam opiniões claramente mais positivas e, conseqüentemente, menos opiniões negativas que o grupo da deficiência auditiva.

O estudo de Farrell (2008) encontra-se em sintonia com os resultados por nós obtidos. Nesta perspetiva, o autor refere que os alunos sem condição de deficiência demonstram maior capacidade de incluir alunos com deficiências físicas ou sensoriais do que alunos com problemas comportamentais. Nesta linha de pensamento, La Master, Gall,

Kinchin, e Siedentop (1998) enfatizam ainda o facto de os alunos sem condição de deficiência aceitar e apoiarem os alunos com deficiência que se esforçam para serem aceites, mas não toleram aqueles que não se esforçam.

No ponto que corresponde à variável idade, não encontramos investigações relevantes para confrontar os resultados com a nossa investigação. Block (1995) alerta para a necessidade de mais investigações com amostras de maiores dimensões e estudos mais diversos. Assim, sugere que se realizem estudos que avaliem o contributo do género, idade e o contacto com os colegas com condição de deficiência para se perceber a influência das opiniões face à inclusão nas aulas de EF.

CONCLUSÃO

Neste estudo pretendemos verificar como o género, a idade e a tipologia da deficiência influenciam a opinião dos alunos sem condição de deficiência relativamente à inclusão de alunos com deficiência nas aulas de EF e como estas se relacionam com os blocos definidos.

Relativamente à variável género podemos concluir que quanto à 1- “Opinião face às aulas de EF” os rapazes apresentam uma opinião mais positiva que as raparigas, uma vez que existem diferenças estatisticamente significativas.

Na 2- “Valorização da participação aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 4- “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” as raparigas apresentam opiniões mais positivas que os rapazes, dado que se verificam diferenças estatisticamente significativas.

No 3- “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 5- “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” não podemos concluir que um género tenha uma opinião mais positiva que o outro dado que não existem diferenças estatisticamente significativas.

Quanto à variável Idade concluímos que na 1- “Opinião face a aula de EF”, 2- “Valorização da participação aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” e 4- “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” não existem diferenças estatisticamente significativas pelo que a idade parece não influenciar as opiniões.

No 3- “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” os alunos de 13 anos têm uma opinião mais positiva e no 5- “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” os alunos de 14 têm uma opinião mais positiva dado que existem diferenças estatisticamente significativas.

Quanto à tipologia da deficiência e relativamente à 1- “Opinião face a aula de EF”, 2- “Valorização da participação aluno com condição de deficiência nas aulas de EF”, e 4- “Envolvimento dos colegas com o aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” não podemos concluir que exista um determinado tipo de deficiência que apresente uma opinião mais positiva que outra, dado que não existem diferenças estatisticamente significativas.

No 3- “Envolvimento do aluno com condição de deficiência nas aulas de EF” conclui-se que os alunos com deficiência auditiva colhem opiniões mais positivas que os alunos com deficiência motora e intelectual e que no 5- “Envolvimento do professor com o aluno com deficiência nas aulas de EF” são os alunos com deficiência intelectual que colhem opiniões mais positivas, pois existem diferenças estatisticamente significativas

De salientar que esperávamos que a discrepância entre as deficiências intelectual e motora fosse mais acentuada, uma vez que Farrell (2008) afirma que os alunos sem condição de deficiência demonstram maior apetência por incluir alunos com deficiências físicas ou sensoriais do que alunos com problemas comportamentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Block, E. (1995). Development and Validation of the Children's Attitudes Toward Integrated Physical Education - Revised (CAIPE-R) Inventory. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 12, 60-77.
- Correia (2003). *Inclusão e Necessidades Educativas Especiais: Um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.
- Farrell, M. (2008). *Deficiências sensoriais e incapacidades físicas: guia do professor*. Porto Alegre: Artmed.
- La Master, K., Kinchin, G., & Siedentop, D. (1998). Inclusion Practices of Effective Elementary Specialists. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 15, 64-81.
- Panagiotou, A., Evaggelinou, C., Doulkeridou, A., Mouratidou, K., & Koidou, E. (2008). Attitudes of 5^a and 6^a grade Greek students toward the inclusion of children with disabilities in Physical Education classes after a Paralympic Education Program. *European Journal of Adapted Physical Activity*, 1(2), 31-43.
- Qi, J & Ha, S (2012). Inclusion in physical education: A review of literature. *International Journal of Disability, Development and Education*, 59:3, 257-281.
- Sánchez, P. (2009) A educação inclusiva na Espanha. In: Fávero, Ferreira, Timothy & Barreiros (ED.), *Tornar a educação inclusiva*. Brasília: UNESCO.
- Slininger, D., Sherrill, C. & Jankowski, C. (2000). Children's Attitudes toward Peers with Severe Disabilities: Revisiting Contact Theory. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 17, 176-196.
- Stoer, S & Magalhães, A (2001). A incomensuralidade da diferença e o anti- antietnocentrismo In: Rodrigues (ED.), *Educação e diferença*. Porto: Porto Editora.
- Souza, M. (2007). *Educação Física adaptada para pessoas portadoras de necessidades visuais especiais*. Disponível em <http://www.efdeportes.com/efd111/educação-física-adaptada.htm>
- Tripp, A., French, A., & Sherrill, C. (1995). Contact Theory and Attitudes of Children in Physical Education Programs Toward Peers With Disabilities. *Adapted Physical Activity Quarterly*, 12(4), 323-332.



Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação